

Percepção de projeto de extensão pela pessoa idosa institucionalizada no extremo sul do Brasil

Perception of an extension project by institutionalized elderly people in the extreme south of Brazil

Denise Maria Maciel Leão¹
Brenda Rodrigues Ongaratto²
Lauro Miranda Demenech³

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção das pessoas idosas residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos de um município do extremo sul brasileiro, acerca do projeto de extensão “Oficina de Pintura”. A ação extensionista da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) trata-se de um projeto de abordagem qualitativa, de natureza exploratória. Implementado em 2017, justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento na área do envelhecimento humano, bem como avaliar a ação extensionista implementada pela Universidade, que ocorreu durante três anos. Para isso, foram realizadas entrevistas com as pessoas idosas residentes que participaram do projeto de extensão. Nesse contexto, a oficina contribuiu para o processo de socialização na velhice, na medida em que criou um espaço de diálogo que combate o isolamento no contexto institucional. Com relação aos sentimentos gerados durante a ação extensionista, as pessoas idosas associaram sentimentos positivos e relataram que sentiram o passar do tempo durante a atividade. A partir dos resultados obtidos, foi possível considerar a possibilidade de continuidade do projeto de extensão como uma ferramenta de apoio às políticas públicas voltadas para o processo de envelhecimento humano.

Palavras-chave: Instituição de longa permanência para idosos. Desenvolvimento humano. Pessoa idosa.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the perception of elderly residents in a Long-Term Care Facility for the Elderly in a municipality in the extreme south of Brazil regarding the ‘Painting Workshop’ extension project. This extension activity of the Federal University of Rio Grande (FURG) was qualitative and exploratory project. It was implemented in 2017 and

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, Brasil; professora na Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil / PhD in Psychology, University of Brasília, Federal District, Brazil; professor at the Federal University of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil (denisemariamaciel@gmail.com).

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil / Bachelor's degree in Psychology, Federal University of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil; resident in the Multiprofessional Residency Program in Family Health, Federal University of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil (brendaongaratto@yahoo.com.br).

³ Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; co-fundador do Centro de Estudos sobre Risco e Saúde (CERIS) / PhD in Health Sciences, Universidade do Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil; adjunct professor at the Universidade Federal do Rio Grande, State of Rio Grande do Sul, Brazil; co-founder of the Center for Studies on Risk and Health (CERIS) (laurodemenech@gmail.com).

it is justified by the need to expand knowledge in the field of human aging, as well as to evaluate the extension activity implemented by the university, which took place for three years. In this regard, recorded interviews were conducted with the elderly residents participating in the extension project. The workshop has positively contributed to the process of socialization in old age by creating a space for dialogue that combats isolation in the institutional context. Regarding the feelings generated during the extension activity, the elderly associated positive feelings and reported feeling that time passed more quickly during the activity. Based on the results obtained, it was possible to consider the possibility of continuing the extension project as a support tool for public policies aimed at the human aging process.

Keywords: Long-term care institution for the elderly. Human development. Elderly.

RESUMEN

El objetivo del presente trabajo fue investigar la percepción de las personas mayores residentes en una Institución de Larga Permanencia para Personas Mayores de un municipio del extremo sur de Brasil acerca del proyecto de extensión «Taller de Pintura». Se trata de una acción extensionista de la Universidad Federal de Rio Grande. La investigación, de enfoque cualitativo y de naturaleza exploratoria, se implementó en 2017 y se justificó por la necesidad de ampliar el conocimiento en el área del envejecimiento humano, así como de evaluar la acción extensionista, implementada por la universidad, que se llevó a cabo durante tres años. Para ello, se realizaron entrevistas grabadas con las personas mayores residentes participantes en el proyecto de extensión. El taller puede haber contribuido positivamente al proceso de socialización en la vejez, en la medida en que creó un espacio de diálogo que combate el aislamiento en el contexto institucional. En cuanto a los sentimientos generados durante la acción extensionista, las personas mayores asociaron sentimientos positivos y relataron que sentían que «el tiempo pasaba» durante la actividad. A partir de los resultados obtenidos, se consideró la posibilidad de continuidad del proyecto de extensión como una herramienta de apoyo a las políticas públicas dirigidas al proceso de envejecimiento humano.

Palabras clave: Institución de larga estancia para personas mayores. Desarrollo humano. Personas mayores.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população mundial é um dos fenômenos contemporâneos que afeta todos os países, ainda que de forma desigual. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2022), a população brasileira com 65 anos ou mais aumentou de 7,7% para 10,5% entre 2012-2022. Em dados mais recentes do Censo Demográfico de 2022, foi estimado que a população de pessoas idosas (aquelas com 60 anos ou mais) era composta por 32.113.490 pessoas, representando 15,8% dos habitantes do país. Dessa forma, houve um acréscimo de 56% em relação ao Censo de 2010, no qual a proporção desse grupo etário era de 10,8% (IBGE, 2023). Esse aumento requer intervenções, pesquisas

e o desenvolvimento de políticas públicas que promovam um envelhecimento mediado por ações voltadas à saúde física e mental dos idosos (Leão *et al.*, 2017).

Com o aumento do número de pessoas idosas, associado a outras mudanças relevantes na sociedade moderna (por exemplo, menos filhos e uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho), o cuidado da pessoa idosa deixou de ser um domínio exclusivo da família, contribuindo para o aumento de uma demanda pela institucionalização (Massi *et al.*, 2020; Oliveira; Rozendo, 2014).

Consoante à Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), sob nº 283, de 26 de setembro de 2005 (Brasil, 2005), as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são de caráter governamental ou não governamental, destinadas à moradia coletiva de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar. Nesse contexto, variáveis demográficas, sociais, familiares e de saúde podem influenciar na decisão de institucionalização da pessoa idosa (Lourenço; Santos, 2021; Rohde; Areosa, 2020). Geralmente, os serviços oferecidos pelas ILPI são destinados aos aspectos biológicos e não são priorizadas atividades que busquem promover as relações ou a reinserção social dos residentes. Arduamente, esse isolamento social é um problema recorrente no abrigamento dessas pessoas (Massi *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2015).

Para idosos institucionalizados, a possibilidade de realizar uma atividade em grupo pode estimular sentimentos de reconhecimento e pertencimento àquele espaço e àquelas pessoas. Assim, a pessoa idosa pode sentir-se pertencente a um grupo que compartilha possibilidades e conflitos, aspectos que podem promover o bem-estar nessa fase do desenvolvimento. As pesquisas apontam para a importância da socialização das pessoas idosas institucionalizadas, com o objetivo de possibilitar um processo de envelhecimento ativo e participativo. Participar de grupos, frequentar ações que valorizem o idoso durante horários e locais específicos, faz com que eles vivenciem a sensação de pertencimento àquele lugar em que moram. Essas atividades devem incentivar a preservação de habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida com relativa independência e autonomia na instituição (Souza *et al.*, 2020; Leão *et al.*, 2017; Moraes, 2009).

As incapacidades desencadeadas no processo de envelhecer estão relacionadas a aspectos subjetivos da pessoa idosa e à forma como ela percebe seu envelhecimento e sua autonomia. Ao estimular a utilização da arte pela pessoa idosa, inicia-se um processo de autonomia, em que a arte entrará em contato com seu conteúdo interno, estimulando-o a se expressar e a se autoconhecer. Os estudos indicam que a utilização da arteterapia para a

promoção da saúde da pessoa idosa é benéfica na medida em que auxilia na redução dos fatores negativos de ordem afetiva, emocional e social, bem como possibilita a melhoria da autoestima dessa população (Aguiar; Macri, 2010; Jardim *et al.*, 2020).

Considerando-se essas barreiras e potencialidades relacionadas ao envelhecimento saudável em uma perspectiva física e psicológica, foi proposto um projeto de extensão universitária sobre a temática. Nesse sentido, desenvolveu-se uma “Oficina de Pintura” em uma ILPI do município de Rio Grande/RS, a qual ocorreu entre os anos de 2014 a 2017. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar a percepção das pessoas idosas participantes sobre as atividades extensionistas realizadas.

MÉTODOS

Participantes

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, realizada em uma ILPI do município de Rio Grande-RS, com a participação de 12 residentes. Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram: ser residente da ILPI; participar ou já ter participado da “Oficina de Pintura”; e, por fim, ser cognitivamente capaz de responder às questões. A partir da experiência de três anos das bolsistas no projeto, foi possível perceber que algumas pessoas idosas não teriam condições de participar desta pesquisa por apresentarem alterações cognitivas, o que dificultava a manutenção de um diálogo focado em um único assunto, que era, nesse caso, a avaliação do projeto. Com o objetivo de garantir o sigilo da pesquisa, o nome das pessoas foi trocado por nomes de flores.

Atividades

A “Oficina de Pintura” foi uma ação extensionista do Programa Núcleo Universitário da Terceira Idade (NUTI), desenvolvido desde 1994, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O NUTI articula diversos projetos interdisciplinares voltados ao desenvolvimento humano com foco na fase do envelhecimento e dos direitos da pessoa idosa. Enquanto isso, o projeto “Oficina de Pintura” iniciou-se em novembro de 2014 e ocorreu semanalmente até dezembro de 2017. Por meio da busca ativa, os bolsistas convidaram as pessoas idosas a participarem do projeto. Ao longo dos encontros, após se adaptarem com o dia e o horário das atividades, algumas delas já os esperavam na recepção ou na sala onde os

encontros ocorriam. Os desenhos, impressos em folhas A4, eram buscados e selecionados na *internet*, pelos bolsistas, a partir da solicitação e temas de interesse dos participantes da oficina. Para isso, eram disponibilizados lápis de cor, canetas, giz de cera e outros itens. Durante o encontro, os participantes interagiam livremente e os bolsistas permaneciam disponíveis para auxiliá-los. O nome e a data nos desenhos eram registrados pelos próprios participantes e, quando necessário, eles recebiam auxílio nessa tarefa. As pinturas confeccionadas pertenciam a eles, e cada um decidia o que fazer com as suas realizações. As atividades foram supervisionadas mensalmente pela docente responsável pelo projeto de extensão.

Trabalho de campo

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas gravadas com roteiro estruturado. Além de questionamentos quanto à idade e data de institucionalização, a entrevista foi composta por seis questões: 1) Quando e como (quem trouxe o idoso até a sala) começou a frequentar a oficina?; 2) O que te faz/fez participar da oficina?; 3) Qual tua opinião sobre as atividades que realizamos aqui na oficina de pintura?; 4) Como o/a senhor/a se sente quando está participando dessas atividades que realizamos aqui na oficina de pintura? 5) O/A senhor/a gostaria de dar algumas sugestões para melhorar a nossa oficina de pintura? 6) O/A senhor/a gostaria de fazer mais algum comentário sobre a nossa oficina de pintura?

As entrevistas foram realizadas em dias e horários em que ocorriam as oficinas (semanalmente às sextas-feiras, das 13h30 às 15h30), para as pessoas idosas poderem associar qual a atividade que estava sendo referida na pesquisa. A coleta de dados iniciou-se em 18 de agosto de 2017 e finalizou-se em oito de setembro do mesmo ano, ou seja, foram quatro semanas consecutivas de entrevistas.

Os alunos do Estágio Obrigatório Supervisionado do 4º ano do curso de Psicologia da FURG assumiram a “Oficina de Pintura” para a pesquisadora poder realizar as entrevistas. Essa transição foi realizada por etapas, objetivando melhor adaptação dos participantes da oficina. Primeiramente, os estagiários conheceram a “Oficina de Pintura”. Assim, a pesquisadora acompanhava-os, até o momento em que ficou responsável somente pelas entrevistas. Além disso, ela teve o auxílio de uma bolsista do Núcleo Universitário da Terceira Idade (NUTI/FURG) na aplicação dos instrumentos.

Por fim, as entrevistas tiveram duração média de quatro minutos e ocorreram na

própria instituição, em um local onde a pessoa se sentisse confortável. Dessa forma, cinco entrevistas foram realizadas na sala onde ocorreu a “Oficina de Pintura”, cinco no *hall* de entrada da instituição e duas no pátio. Para garantir o sigilo da pesquisa, o nome das pessoas idosas foi trocado por nomes de flores.

Análise de dados

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa foi feita por meio da técnica da Análise Temática (Braun; Clarke, 2006). Trata-se de uma estratégia analítica amplamente utilizada em estudos qualitativos pela sua capacidade de auxiliar na compreensão de fenômenos subjetivos (Silva; Borges, 2017; Dias; Mishima, 2023).

A construção das temáticas seguiu os procedimentos descritos por Braun e Clarke (2006). Em primeiro lugar, foi feita uma familiarização com os dados coletados por meio de uma transcrição. Logo, seguiu-se pela leitura e releitura de cada uma das entrevistas, tomando nota das ideias iniciais. Em seguida, sistematicamente, foi feita uma acomodação dos dados, organizando as características mais relevantes extraídas dos relatos. Após isso, foram feitos agrupamentos dessas características em categorias de similaridade de conteúdo, reunindo os dados relevantes em possíveis temas. A seguir, foi feita uma checagem dos temas com relação aos trechos das entrevistas previamente codificados, produzindo uma refinação das análises, resultando nos temas finais identificados a serem reportados neste artigo.

As temáticas que emergiram do processo analítico, com as respectivas quantidades de categorias, foram: forma de ingresso na Oficina de Pintura (3 categorias); motivação para participação da “Oficina de Pintura” (4 categorias); opinião sobre as atividades realizadas na “Oficina de Pintura” (2 categorias); como a pessoa idosa se sente durante a “Oficina de Pintura” (4 categorias); sugestões para melhoria da “Oficina de Pintura” (3 categorias); comentários sobre a “Oficina de Pintura” (3 categorias).

Aspectos éticos

Em conformidade com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), do Conselho Nacional de Saúde, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa na área da Saúde (CEPAS) da FURG, CAAE nº 68497517.3.0000.5324 e Parecer Consubstanciado CEP nº 128/2017. Antes da aplicação do instrumento, cada entrevistado

assinou duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes com dificuldades para lê-los foram auxiliados pela pesquisadora, que estava disponível para esclarecer dúvidas antes de começar a aplicação.

RESULTADOS

Desde o início do projeto, em torno de 30 pessoas idosas já haviam participado da “Oficina de Pintura” (este dado foi obtido a partir dos registros em Diário de Campo das extensionistas), sendo que 33,3% delas eram do sexo masculino ($n = 10$), e 66,6% eram do sexo feminino ($n = 20$). Entre essas, sete faleceram, quatro mudaram-se e cinco apresentaram problemas de comunicação (fala desorganizada, problemas avançados de memória *etc.*). Dessa forma, 14 pessoas idosas cumpriam os critérios de inclusão. Entretanto, uma idosa optou por não participar da pesquisa, enquanto outra estava hospitalizada no período de realização das entrevistas, concluindo a participação de 12. Entre elas, duas pessoas eram do sexo masculino e dez do sexo feminino. A média de idade foi de 82 anos, variando de 69 a 94 anos. A data de entrada na instituição foi de março de 2012 a julho de 2017.

Forma de ingresso na Oficina de Pintura

A primeira categoria refere-se aos participantes que não se lembram como ingressaram na oficina, em que 33,3% ($n = 4$) se enquadraram. Por exemplo, Alecrim (77 anos) respondeu: “Não me lembro, porque depois que eu adoeci não lembro das coisas certas”. Enquanto isso, a segunda categoria agrupou 16,6% ($n = 2$) e referia-se às respostas que não correspondiam com a realidade. Por exemplo, Margarida (88 anos) respondeu: “Eu lembro. Há três anos, comecei a frequentar e gostei muito. Foi o R. que me trouxe”. Essa afirmação não procede, pois Margarida estava institucionalizada há alguns meses. O restante, 50% ($n = 6$), enquadra-se na última categoria, daqueles que ingressaram na “Oficina de Pintura” por meio de convite. Por exemplo, Orquídea (84 anos) respondeu: “Ah, eu acho que já faz uns dois anos... na minha cabeça, uns dois anos. [...] Foi por convite. Se não, eu não iria. Chegaram e disseram: ‘Ah, vocês não gostam de pintar?’, gostamos, mas eu não sei bem, vou tentar”.

Motivação para participação na “Oficina de Pintura”

A primeira categoria refere-se aos participantes que relataram o gosto pela pintura como uma motivação, onde 33,3% (n = 4) se enquadraram. A socialização como fator motivante foi a segunda categoria, que agrupou 25% (n = 3). A fala de Margarida (88 anos) retrata seu interesse: “A convivência. A gente conversa, troca ideias, é muito bom”. A afinidade pelos bolsistas correspondeu à terceira categoria, relatada como fator motivante por 25% (n = 3). Um exemplo de resposta para essa categoria é: “Porque eu gosto de vocês, tenho uma simpatia agradável, vocês são bacanas. Então, por esse motivo, [...] eu gosto de ir para lá.” (Orquídea, 84 anos). A quarta categoria foi denominada “Outros” e agrupou 41,6% (n = 5) das pessoas, contendo respostas que não se enquadraram em nenhuma categoria anterior. Como exemplos, temos: “Porque ele convidou e eu comecei. Era uma flor, virou uns bichos, e tá, podem olhar à vontade... Eu já tenho dois álbuns cheios e um quase cheio” (Rosa, 94 anos) e “Eu gosto porque é bom para mim, eu me ‘esperto’ mais” (Cravo, 70 anos). Três participantes se enquadraram em mais de uma categoria, conforme descrito a seguir: “Ah, eu gosto de pintar [...]” – o gosto pela pintura, e “[...] Pegar amizade, essas coisas, né? É isso, para não ficar muito tempo separada, né?” – socialização (Copo de Leite, 69 anos); “Primeiro, o modo como vocês nos solicitaram [...]” – afinidade pelos bolsistas, e “[...] Segundo, porque eu gosto muito de pintura, desenho, e gosto de participar das atividades” – o gosto pela pintura (Jasmim, 78 anos); por fim, “Ah, é a convivência [...]” – socialização, e “[...] Vocês são todos maravilhosos” – afinidade pelos bolsistas (Lírio, 86 anos).

Opinião sobre as atividades realizadas na “Oficina de Pintura”

A categoria 1 foi marcada pelos dizeres: “Maravilhosa/boa/eu gosto”. Aqui, enquadraram-se 83,3% (n = 10) dos participantes. Isso se concretizou nos exemplos seguintes: “Acho que é bom, a gente vai limpando as ideias” (Alecrim, 77 anos); “Eu acho maravilhosa. Não é enfeite de árvore de Natal, mas é bonita” (Orquídea, 84 anos); e “Ah, é uma beleza, né? A gente se sente bem” (Iris, 77 anos). Enquanto isso, a categoria 2 foi denominada “Outros”, e agrupou 16,6% (n = 2). Ela pode ser exemplificada pelos seguintes enunciados: “Não sei” (Lótus, 61 anos) e “Olha, é interessante, porque ali a gente só faz o que quer, imagina e faz” (Hibisco, 92 anos).

Como a pessoa idosa se sente durante a “Oficina de Pintura”

A categoria 1 agrupou 41,6% (n = 5) dos entrevistados, e faz referência aos que relataram se sentir bem, alegres e/ou felizes durante a atividade, conforme relatado nos seguintes dizeres: “Ah, eu acho ótimo, porque todos gostam. [...] Acho que todo mundo aqui gosta desse convívio, sente falta, então eu acho maravilhoso. Por mim, vocês viriam sempre, todos os dias, é muito gratificante!” (Lírio, 86 anos) e “Me sinto feliz, muito feliz de estar naquela atividade” (Íris, 77 anos). Enquanto isso, a categoria 2 agrupou aqueles que relataram não perceber o tempo passar durante a atividade, representada por 16,6% (n = 2) pessoas, por exemplo: “[...] A gente tá ali pintando, passa uma hora, passa outra [hora] e a gente nem se dá por conta... ‘Oh, já é essa hora!’, é assim” (Erva-doce, 74 anos). Por outro lado, a categoria 3 agrupou 16,6% (n = 2) dos entrevistados, e referia-se aos que relataram não sentir nada durante a atividade, ou se sentirem normais. Por fim, a categoria 4 foi denominada “Outros” e agrupou 41,6% (n = 5) deles, e compôs as respostas que não se encaixaram em nenhuma categoria anterior. No entanto, quatro dessas cinco respostas associaram sentimentos positivos com relação à “Oficina de Pintura”, expostas a seguir: “Me sinto em devaneio. [...] Significa assim... algo a mais” (Margarida, 88 anos); “Me sinto útil, parece que eu estou caminhando por um caminho bom, que eu tô fazendo valer, tá?” (Orquídea, 84 anos); “Eu me sinto assim, que nem quando eu dava aula e pintava na minha casa ou em outra coisa, eu me esqueço do mundo, eu viajo” (Erva-doce, 74 anos); e “Ah, no auge, porque eu até me esqueço, não sinto que estou sentada. [...] Por mim, eu vinha todos os dias” (Lírio, 86 anos). A outra resposta foi: “Quieta, calada. Os outros falam e se mostram, eu não. Eu vou fazendo o meu sem falar e sem mostrar” (Rosa, 94 anos). Entre todos, dois residentes se enquadraram em mais de uma categoria: “Eu me sinto assim, que nem quando eu dava aula e pintava na minha casa ou em outra coisa, eu me esqueço do mundo, eu viajo” – categoria 4, e “[...] A gente tá ali pintando, passa uma hora, passa outra [hora] e a gente nem se dá por conta... ‘Oh, já é essa hora!’, é assim” – categoria 2 (Erva-doce, 74 anos); bem como “Me sinto alegre [...]” – categoria 1, e “[...] e preenche o tempo” – categoria 2 (Jasmim, 78 anos).

Sugestões para melhoria da “Oficina de Pintura”

A categoria 1 corresponde aos entrevistados que não apresentaram nenhuma sugestão,

o que abarcou 58,3% (n = 7) deles. Enquanto isso, a categoria 2 agrupou aqueles participantes que apresentaram sugestões, e correspondeu a 25% (n = 3). Entre as sugestões, estiveram: “Se pudessem vir mais dias... vocês vêm só um dia, né?” (Lírio, 86 anos); “Criatividade nas atividades, usando criatividade, vêm coisas que tá acontecendo no momento” (Jasmim, 78 anos); e “Eu acho que aqui devia ter uma sala grande que fosse só de Artes, que tivessem as mesas, cavaletes. Então, se quisesse reunir uma turma pra pintar, pra fazer alguma coisa sobre Artes, que tivesse essa sala” (Erva-doce, 74 anos). Por fim, a categoria 3 foi denominada “Outros”, e agrupou 16,6% (n = 2) das respostas: “Quero pintar” (Lótus, 61 anos) e “Olha, eu não enxergo. Então, a minha auxiliar completa para mim, ela pinta pra mim... eu me sinto bem” (Hibisco, 92 anos).

Comentários sobre a “Oficina de Pintura”

A categoria 1, representada por 33,3% (n = 4), corresponde aos residentes que não apresentaram nenhum comentário. De outro modo, a categoria 2 agrupou 58,3% (n = 7) e correspondia aos que apresentaram algum comentário, por exemplo: “Prestar atenção aos idosos que são fora da casinha, que atrapalham os que são mais lúcidos. Deixar um grupo só dos idosos fora da casinha” (Jasmim, 78 anos) e “Olha, é interessante porque é um passatempo fino. É muito bom porque a gente trabalha pra gente, os que trabalham auxiliam a gente” (Hibisco, 92 anos). Finalmente, a categoria 3, denominada “Outros”, englobou 8,33% (n = 1): “Não sei” (Lótus, 61 anos).

DISCUSSÃO

Esta investigação diz respeito a uma proposta de Extensão Universitária em uma ILPI, em um município do extremo sul do Brasil, a qual ocorreu por três anos consecutivos. Foi possível observar que, de forma geral, os participantes apresentaram motivações, opiniões e sentimentos positivos em relação ao projeto de pintura, indicando aumento na socialização e no bem-estar durante as atividades. Existem evidências de que pessoas idosas institucionalizadas apresentam mais sintomas depressivos do que aquelas que vivem em suas comunidades e com seus familiares (Marinho *et al.*, 2010). Dessa forma, atividades que estimulam a pessoa idosa podem se tornar importantes ferramentas para a manutenção da saúde mental desses indivíduos. Esses dados sobre a motivação dos residentes para participar

da atividade indicam que produzir arte pode refletir na qualidade de vida da pessoa idosa, além de estimular um processo de autoconhecimento (Cavalcanti *et al.*, 2003; Aguiar; Macri, 2010).

Embora o critério de exclusão para com pessoas com comprometimento cognitivo tenha sido utilizado na amostra deste estudo, constatou-se que somente a metade das pessoas idosas participantes da oficina conseguiu lembrar de como foi a forma de ingresso na atividade. Além disso, duas pessoas deram respostas que não correspondiam à realidade. Tanto as falhas nas respostas dessas pessoas quanto o esquecimento daquelas que não conseguiram lembrar podem estar relacionados ao declínio em algumas funções cognitivas, especialmente nessa fase do desenvolvimento, consoante com Eizirik (2013).

De maneira geral, alguns residentes recordaram que se conheceram antes da institucionalização ou descobriram que já trabalharam no mesmo local. Durante a realização da atividade, houve uma interação pioneira entre as pessoas idosas, por exemplo, quando estavam ociosas na sala de entrada. Sabe-se que as relações interpessoais são fundamentais para a qualidade de vida e a preservação da saúde mental e, além disso, o simples fato de ser ouvido e dispor de companhia pode gerar sentimentos de calma e segurança. Apesar do atendimento parcial às necessidades básicas, muitas instituições não estimulam a atividade das pessoas idosas, as quais tendem a se tornar mais introspectivas e isoladas do convívio social (Corteletti; Casara; Herédia, 2010; Ferrari; Dalacorte, 2007). Nesse sentido, o isolamento social e a solidão são problemas frequentes entre as pessoas idosas, especialmente aquelas institucionalizadas. Assim, a depressão, a demência, a redução da qualidade de vida e a violência estão entre os fatores mais comuns na ocorrência de acometimentos físicos (quedas, acidentes vasculares, declínio funcional, desnutrição) e psicológicos (Freedman; Nicolle, 2020). Dessa forma, atividades que estimulam a redução do isolamento e da solidão são apontadas como importantes estratégias para os cuidados da pessoa idosa, tais como: atividades em grupo que estimulem a convivência social; psicoterapia; atividades com animais; prática de exercícios físicos e atividades de lazer; bem como o desenvolvimento de novas habilidades, como as práticas artísticas (Gardiner; Geldenhuys; Gott, 2018).

Dessa maneira, a oficina pode ter contribuído positivamente para o processo de socialização na velhice, na medida em que criou um espaço de diálogo que combate o isolamento institucional (Silva *et al.*, 2016; Souza *et al.*, 2015). A afinidade pelas bolsistas como um dos fatores motivantes para a participação na atividade pode estar relacionada a uma das premissas da Anvisa, de que as ILPI devem favorecer o desenvolvimento de

atividades conjuntas com pessoas de outras gerações (Brasil, 2005). Isso se baseia na premissa de que muitas vezes, no momento da institucionalização, a pessoa idosa reduz seu ciclo social. Desse modo, a “Oficina de Pintura” possibilitou a alguns residentes, principalmente aqueles que não costumam sair da cidade local, a formação de vínculos que extrapolam os limites da instituição. Assim, a intergeracionalidade, os vínculos e o conhecimento científico caminham juntos nesta ação extensionista. Por conseguinte, Nascimento, Santos e Nunes (2019) enfatizam que a implementação das ações de extensão proporciona aos alunos bolsistas vivenciar as teorias científicas que embasam os projetos, por meio do trabalho direto com as pessoas idosas participantes.

De forma geral, quase todas as pessoas idosas opinaram positivamente sobre a “Oficina de Pintura”, uma ação extensionista que promove o bem-estar por meio da arte. As bolsistas que acompanharam o projeto desde o início perceberam efeitos positivos nos participantes, com destaque para o aumento da autoestima e da autoeficácia. Conforme Bandura (1997), a autoeficácia é a crença de uma pessoa em sua capacidade de realizar tarefas específicas com sucesso. Nesse contexto, alguns participantes não se consideravam capazes de pintar um desenho e, ao analisarem sua produção final, perceberam que era possível. Indubitavelmente, os sentimentos positivos que surgem nessas atividades podem proporcionar mais qualidade de vida às pessoas idosas (Cavalcanti *et al.*, 2003; Coqueiro; Vieira; Freitas, 2010; Lemos; Coelho; Ferreira, 2011).

O próprio sentimento de não perceber o tempo passar, referido pelos participantes, pode indicar que a atividade proporcionada pelo projeto de extensão pode servir como uma ferramenta para evitar o período ocioso na instituição (Oliveira; Rozendo, 2014). Por outro lado, dois participantes relataram não ter sentido nada durante a realização das atividades. Na situação de institucionalização, é comum o baixo número de ações que busquem trabalhar a subjetividade da pessoa idosa dentro desses espaços. Além disso, o contato com a arte pode incentivar um processo de autoconhecimento. Na “Oficina de Pintura”, por exemplo, alguns participantes desenvolveram uma “identidade” para suas obras, com cores mais fortes ou mais fracas, traços mais marcados ou menos marcados, inclusive com a escolha do material que utiliza, seja caneta hidrocor, lápis de cor ou giz de cera (Aguiar; Macri, 2010). Ademais, foi notório que somente três participantes fizeram sugestões de melhoria para o projeto. Entre elas, destacam-se as sugestões por mais encontros semanalmente, bem como mais criatividade na elaboração das atividades; houve a possibilidade de discuti-las e acatá-las. Entretanto, a sugestão de adaptação de uma sala maior para as atividades de artes transcendia

as propostas da intervenção e dependia da gestão da instituição. Por fim, esse resultado aponta para um vínculo construtivo dos participantes com o projeto de extensão. O desejo de ampliação de tempo e espaço pode ser um indicativo de um senso de bem-estar e da vontade consciente em realizar a atividade, o que está de acordo com a ideia de envelhecimento ativo, podendo contribuir para o melhor funcionamento físico e cognitivo dessas pessoas, especialmente para a saúde mental delas (Dogra *et al.*, 2022).

Nos comentários finais sobre a oficina, sete participantes desejaram se manifestar, enquanto os outros não tinham comentários ou não sabiam o que dizer. Desses, um comentário se destacou, pois se baseava na ideia de separar a “Oficina de Pintura” em dois grupos, um direcionado àqueles idosos que apresentam maiores dificuldades físicas e cognitivas, e outro para aqueles residentes mais lúcidos e com maior funcionalidade. No entanto, é importante lembrar que os cuidados em ILPI não devem reproduzir algumas violências sofridas pela pessoa idosa fora da instituição, como a negligência e o abandono (Poltronieri; Souza; Ribeiro, 2019). Nesse sentido, um dos objetivos da “Oficina de Pintura” foi aumentar o ciclo social e a interação entre os participantes. Portanto, separar o grupo poderia gerar maior segregação e menor integração entre eles.

Em tese, algumas dificuldades foram encontradas durante a aplicação das entrevistas. Nas duas primeiras semanas, aconteceram outras atividades que impossibilitaram o desenvolvimento da “Oficina de Pintura” e, por esse motivo, se optou por entrevistar os residentes com a memória mais preservada, para que eles associassem que a atividade que estava sendo referida era a “Oficina de Pintura”. Além disso, identificou-se a dificuldade em manter o foco durante a entrevista, pois as pessoas idosas sempre falavam sobre outros assuntos, o que pode ser um reflexo do isolamento institucional relatado por Souza *et al.* (2015).

Pela natureza das investigações científicas, este estudo possui limitações e pontos fortes. Nesse sentido, apenas uma parte dos residentes que participaram das oficinas aceitou participar da investigação, e a falta de informações sobre os não-participantes pode ser considerada uma fragilidade desta pesquisa. Contudo, é importante ressaltar que alguns participantes ingressaram no projeto dois meses antes do encerramento, sendo assim, é possível que a experiência reduzida desses entrevistados possa ter influenciado as suas percepções sobre a iniciativa. Como fortaleza, destaca-se a execução de uma atividade extensionista por três anos consecutivos, permitindo a construção não só de um espaço de desenvolvimento da pessoa idosa, mas um ambiente fértil para o entendimento acadêmico e

científico desses processos, os quais foram relatados neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas públicas precisam garantir a formação contínua dos profissionais que trabalham com pessoas idosas institucionalizadas, de modo a capacitá-los na seleção das atividades mais apropriadas, considerando os recursos disponíveis e avaliando as limitações individuais dos participantes. As ações extensionistas proporcionadas pelas universidades públicas, a exemplo do projeto aqui referenciado, são meios que podem auxiliar nessa direção. É importante considerar as pessoas idosas institucionalizadas como parte desse processo, incentivando-as a assumir um papel ativo em sua própria saúde e bem-estar, bem como as capacitando para fazer escolhas informadas e adaptar as atividades conforme suas necessidades. Dessa forma, o trabalho atingiu seu objetivo de avaliar o projeto “Oficina de Pintura” a partir da perspectiva dos próprios participantes. Além disso, essa iniciativa possibilitou a criação de um espaço mais efetivo de diálogo entre bolsistas, estagiários e docentes da universidade, bem como residentes, funcionários e gestores da ILPI.

Os resultados encontrados em torno dos benefícios da utilização da arte, bem como de atividades grupais que promovem a socialização nessa fase do desenvolvimento, induzem à reflexão sobre a importância da continuidade de projetos como o apresentado neste artigo. É importante que espaços como esse sejam construídos dentro de ILPI, além da necessidade de manutenção dessas conquistas.

Em síntese, a experiência na instituição proporcionou a aquisição de conhecimentos profissionais, além de permitir às acadêmicas extensionistas associarem as teorias de sala de aula com a prática profissional, principalmente relacionadas ao envelhecimento. Outrossim, esse período proporcionou o crescimento pessoal dos estudantes e permitiu-lhes enxergar para além da institucionalização e da prática profissional, especialmente ao proporcionar reflexões sobre a humanização do processo de envelhecimento e sobre o ser idoso na sociedade moderna.

Logo, aponta-se a necessidade de ampliar os horizontes sobre as possibilidades de intervenção em relação à saúde mental da população idosa institucionalizada, tendo em vista a ressignificação, por vezes necessária, das experiências subjetivas passadas e presentes da pessoa idosa. Além disso, cabe questionar o suporte institucional oferecido em ILPI para a demanda de saúde mental e a necessidade de amparo por políticas públicas mais efetivas, a fim de acarretar o menor prejuízo possível ocasionado pelo processo de envelhecimento

somado à institucionalização.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. P.; MACRI, R. Promovendo a qualidade de vida dos idosos através da arteterapia. **Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 710-713, out./dez. 2010. DOI 10.9789/2175-5361.2010.v0i0.%25p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/1102>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: the exercise of control. New York: W. H. Freeman & Co, 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução – RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005**. Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. Brasília, DF, 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos; Revoga as (RES. 196/96); (RES. 303/00); (RES. 404/08). Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, United States, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI 10.1191/1478088706qp063oa. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology. Acesso em: 25 mar. 2024.

CAVALCANTI, A. M. T. *et al.* Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 118-122, set./dez. 2003. DOI 10.11606/issn.2238-6149.v14i3p118-122. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/13926>. Acesso em: 25 mar. 2024.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paul Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. DOI 10.1590/S0103-21002010000600022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CORTELETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

DIAS, E. G.; MISHIMA, S. M. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. **Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 402-411, jan./jun. 2023. DOI 10.12957/sustinere.2023.71828. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/71828>. Acesso em: 25 mar. 2024.

DOGRA, S. *et al.* Active aging and public health: evidence, implications, and opportunities. **Annual Review of Public Health**, Palo Alto, v. 43, p. 439-459, 2022. DOI 10.1146/annurev-publhealth-052620-091107. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-publhealth-052620-091107>. Acesso em: 25 mar. 2024.

EIZIRIK, C. L. Velhice. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (org.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 227-240.

FERRARI, J. F.; DALACORTE, R. R. Uso da Escala de Depressão Geriátrica de Yesavage para avaliar a prevalência de depressão em idosos hospitalizados. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 3-8, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/scientiamedica/article/view/1597>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FREEDMAN, A.; NICOLLE, J. Social isolation and loneliness: the new geriatric giants: approach for primary care. **Canadian Family Physician**, Willowdale, v. 66, n. 3, p. 176-182, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32165464/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GARDINER, C.; GELDENHUYS, G.; GOTT, M. Interventions to reduce social isolation and loneliness among older people: an integrative review. **Health & Social Care in the Community**, Oxford, v. 26, n. 2, p. 147-157, 2018. DOI 10.1111/hsc.12367. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27413007/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: população por idade e sexo: pessoas de 60 anos ou mais de idade: resultados do universo: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JARDIM, V. C. F. S. et al. Contribuições da Arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 4, p. 1-10, 2020.

LEÃO, D. M. M. *et al.* Socialização de idosos institucionalizados: oficina de pintura em uma ILPI de Rio Grande, RS. **Kairós**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 459-474, set. 2017. DOI 10.23925/2176-901X.2017v20i3p459-474. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/40760>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LE MOS, C. E. S.; COELHO, A. M. C. F.; FERREIRA, F. S. Oficina de arte-terapia como estímulo ao sentimento de autoeficácia de mulheres idosas. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 140-148, jul./dez. 2011. DOI 10.14393/REE-v10n22011-20792. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20792>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LOURENÇO, L. F. L.; SANTOS, S. M. A. Institucionalização de idosos e cuidado familiar: perspectivas de profissionais de instituições de longa permanência. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 26, p. e69459, 2021. DOI 10.5380/ce.v26i0.69459. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/69459>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MARINHO, P. E. M. *et al.* Undertreatment of depressive symptomatology in the elderly living in long stay institutions (LSIs) and in the community in Brazil. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, Amsterdam, v. 50, n. 2, p. 151-155, mar./abr. 2010. DOI 10.1016/j.archger.2009.03.002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167494309000739?via%3Dihub>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MASSI, G. *et al.* Promoção de saúde de idosos residentes em instituições de longa permanência: uma pesquisa dialógica. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 7-17, jan./mar. 2020. DOI 10.17765/2176-9206.2020v13n1p7-17. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/7517>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MORAIS, O. N. P. Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 846-855, 2009. DOI 10.1590/S1414-98932009000400014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/88pW3h6DSxrvmlDXmhvf4Hd/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.

NASCIMENTO, A. T. B. S.; SANTOS, I. F.; NUNES, J. R. V. Oficinas educativas/reflexivas e a interface com saúde e o meio ambiente. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 18, n. 1, p. 134-144, 2019. DOI 10.14393/REE-v18n12019-44977. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/44977>. Acesso em: 25 mar. 2024.

OLIVEIRA, J. M.; ROZENDO, C. A. Instituição de longa permanência para idosos: um lugar de cuidado para quem não tem opção? **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 67, n. 5, p. 773-779, set./out. 2014. DOI 10.1590/0034-7167.2014670515. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/DPXpTZyHCYNTtdbxFDyrX6j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.

POLTRONIERI, B. C.; SOUZA, E. R.; RIBEIRO, A. P. Violência no cuidado em instituições de longa permanência para idosos no Rio de Janeiro: percepções de gestores e profissionais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 215-226, 2019. DOI 10.1590/S0104-12902019180202. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406263893017>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ROHDE, J.; AREOSA, S. V. C. Vínculos e relações familiares de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 62-76, jan./abr. 2020. DOI 10.5335/rbceh.v17i1.8141. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/8141>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, C. C.; BORGES, F. T. Análise temática dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51, p. 245-267, jun./set. 2017. DOI 10.26512/lc.v23i51.8221. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8221>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, M. R *et al.* A percepção do idoso institucionalizado sobre os benefícios das oficinas terapêuticas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. sup. 5, p. 76-84, dez. 2016. DOI 10.5020/18061230.2016.sup.p76. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/6408>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOUZA, F. J. M *et al.* Percepção dos idosos institucionalizados acerca da qualidade de vida. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Campinas, v. 12, n. 7, p. e3310, 2020. DOI 10.25248/reas.e3310.2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3310>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SOUZA, I. A. L. *et al.* O impacto de atividades linguístico-discursivas na promoção da saúde de idosos de uma instituição de longa permanência. **Audiology – Communication Research**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 175-181, abr. 2015. DOI 10.1590/S2317-64312015000200001490. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/wzFKfTMGX9pqB8vygDf6FSC/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Submetido em 20 de junho de 2024.

Aprovado em 18 de setembro de 2024.